John Carter Brown
Library
Brown University

APOLOGIA

QUE DIRIJE

Á

NAÇÃO PORTUGUEZA

JOÃO SEVERIANO MACIEL DA COSTA,

Do Conselho de Sua Magestade e seu Desembargador do Paço no Rio de Janeiro,

A FIM DE SE JUSTIFICAR

DAS

IMPUTAÇÕIS

QUE LHE FAZEM HOMENS OBSCUROS,

AS QUAIS DERÃO CAUSA AO DECRETO DE 3 DE JUNHO

E

Á PROVIDENCIA COMUNICADA NO AVISO DE 11 DE JULHO

DO CORRENTE ANO DE 1821.

COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1821.

Qui non defendit, nec obstitit, si potest, injuriae, tam est in vitio, quam si parentes, aut patriam, aut socios deserat.

CICERO *de Officiis.* lib. I, cap. 7.

RPJCB

APOLOGIA

Que dirije á Nação Portugueza João Severiano Maciel da Costa, *do Conselho de S. Magestade e seu Desembargador do Paço no Rio de Janeiro, a fim de justificar-se das imputaçõis que lhe fazem homens obscuros, as quais derão causa ao Decreto de 3 de Junho, e á providencia comunicada no Aviso de 11 de Julho do corrente ano.*

¿QUe coisa mais lisonjeira para o homem bem educado que a estima publica de seus Concidadãos? ¿Que coisa mais capaz de enxer a alma do homem de bem que a gloria de ter servido e ilustrado sua Patria? Depois do culto dado á Divindade, nada sobre a terra senão a Patria merece nosso incenso: é uma idolatria necessaria, não só util (1). Quando pois o homem imbuido d'estes principios, tendo trabalhado toda sua vida para obter este tesoiro d'opinião tão fecundo em praseres d'um quilate superior, se vè assaltado de inimigos e embusteiros dispostos a roubar-lho, ¿que sustos, que ancias, que agonias não sofre? Tal é minha penosa situação.

Despidas as mantilhas da puericia, e quando acordei, se me posso esplicar assim, n'este mundo, honrados principios de criação me fizerão sentir que não tendo os comodos e ventajens sociais que provèm de riquezas e nascimento, e são de ordinario Bulas de

(1) Cari sunt parentes, cari liberi, propinqui, familiares: sed omnes omnium caritates Patria una complexa est: pro qua quis bonus dubitet mortem oppetere, si ei sit profuturus? Cicero *de Officiis*, lib. I. cap. 17.

dispensa de merecimento pessoal, só n'este devia fundar esperanças de felicidade entre meus Concidadãos.

Abriu-se-me a carreira das Letras que encetei com felicissima estreia; e tendo a ventura não comum de passar ileso através dos precipicios que cercão a mocidade e das seduçõis de que é semeada a vida no grande mundo, obtive uma reputação constante e estima geral desde as Aulas da Universidade onde mereci as maiores distinçõis que ali se dão, até o primeiro Tribunal da Monarquia em que entrei de 47 anos, depois de ter concluido a ardua, delicada e arriscadissima Administração de 10 anos da Guyana Francesa, na qual conservei á nossa Patria, que ja lutava nos parocismos e convulsõis da agonia, um crepusculo de gloria, que reconhecèrão naturais e estrangeiros.

Abraçado com este precioso tesoiro d'uma reputação estabelecida, unico que tenho para legar a meus filhos, pensava ter fexado o circulo de meus trabalhos publicos para cuidar em paz e tranquilidade na educação d'eles. Eis se não quando surje do Inferno a Furia da inveja e da ambição, que tem prèa certa nas Còrtes dos Reis, e esforça-se e debate-se para roubar-mo!! Não: não me deixarei despojar assim — A honra, o dever, a familia, os parentes, os amigos, a Religião mesmo, me xamão ao campo de batalha para defender minha reputação ilibada em 30 anos de serviço publico, e 52 d'uma vida sem taxa.

O testimunho d'uma consciencia pura, que ergue o homem muito acima dos revezes da sorte, sinto que me dá forças, e com a simples e ingenua eisposição de factos, despida do colorido de eloquencias estudadas, meterei luz nos obscuros e tortuosos manejos da calunia que ha meses me persegue; que ja vitoriosamente debelada na Còrte do Rio de Janeiro fujiu, precipitou-se no Atlantico e veio ressurjir a salvo nos portos d'este Reino para se fazer encontradiça comigo, que fujindo tâobem d'aquele teatro, que previ

seria ensanguentado, vinha demandar um seguro asilo no centro da Regeneração onde a Liberdade e a Justiça tem seu trono.

Aqui levantou o Monstro seus castelos, figurou fantasmas e urdiu historias com tão Luciferina astucia, que pôde surprender a habilidade e deisteridade do Soberano Congresso a ponto de fazer suspeitas perante ele minha honra e até a liberalidade de meus principios politicos, aliás bem conhecida dos homens de Letras do meu tempo, muitos dos quais ilustrão hoje a Patria no mesmo Soberano Congresso.

¿E que devia resultar de tais embustes, tramados por mãos ocultas, a duas mil leguas d'este Reino, apresentados sob o véo de zelo patriotico de que, em tais tempos, se cobrem a hipocrisia e a calunia, e n'um momento de préssas em que o *Salus Reipublicae* é a suprema lei, e todas e quaisquer outras consideraçõis subalternas dignas do mais positivo desprèso? O mesmo que aconteceu.

O Piloto que dorme incauto no meio da bonança, se o temporal o toma de improviso, corre risco de perder-se a despeito das mais sabias e eficazes manobras. Nem mais nem menos deve acontecer aos que dirijem a Náu do Estado pelo mar sempre temeroso de reformas politicas, se não afastarem com escrupulosa e eficaz diligencia tudo quanto puder perturbala na carreira começada.

Fez pois o Soberano Congresso precisamente o que devia fazer: Buscou salvar a Patria do perigo que se supunha iminente com a presença dos individuos denunciados como suspeitos pelos publicos rumores, e afastou-os temporariamente da Capital agitada. Mas como a opinião publica fôra o verdadeiro agente d'esta medida de precaução, e a notoriedade publica a unica prova em que ela se fundára, pelo espirito de justiça que preside a todas as suas deliberaçõis, absteve-se o Soberano Congresso de julgar a fundo a conduta d'homens apenas suspeitos, e parece tèlos abandonado á mesma opinião publica que os delatára.

É pois perante o Tribunal publico da Nação que eu devo comparecer hoje, Tribunal severo, mas quasi sempre imparcial, não inerrante, porque tal é o ferrète da humana fragilidade, mas incapaz de injustiça refletida, e quasi sempre compassivo e humano.

A natureza do negocio e a qualidade do Tribunal determinão claramente a natureza do processo: deve ser uma apologia universalisada pelo prélo: arduo genero de defesa em mãos do proprio Réu, porque, falando de si, o receio natural de ofender a modestia, que é o primeiro atributo do verdadeiro merecimento, póde fazer periclitar a inocencia que necessita d'apòio.

Não ha porem outro meio, força é adotalo, esperando do Publico a indulgencia que merece a humana fraqueza. E inda assim, muitas graças á Divina Providencia por nos trazer a tempos em que a palavra, este belo atributo do homem, nos é restituida em toda sua integridade! Graças á Lei imortal que nos franqueia as tipografias Nacionais! Graças emfim aos homens eistraordinarios (que a mesma Providencia sempre cria nas grandes crises) os quais meditárão, traçárão e eisecutárão a mais feliz de todas as revoluçõis.

Portuguezes, alèm do testimunho d'uma consciencia pura que me determina a comparecer perante vós, tenho um motivo muito singular que me conforta. Eilo aqui: Como os rumores que de vós partírão forão os verdadeiros agentes da medida que contra mim tomárão vossos Ilustres Representantes, e tendes hoje vós mesmos de julgar da natureza e força d'esses rumores, vindes a ser Juizes e Parte no processo; e em tão grande desigualdade de ventajens sobre mim, todo bom Direito está da minha parte, porque a Equidade natural, filha do Céo, vos impõe obrigação de desconfiardes de vossos proprios juizos, e claramente vos aconselha que, no perigo de serdes injustos, vos salveis entre os braços da indulgencia e humanidade.

Sou delatado como um dos Conselheiros perfidos que no Rio de Janeiro abusárão da Bondade d'ElRei para fazerem, *como fizerão*, as desgraças da Patria, e que ainda o acompanhavão até este Reino para continuarem no mesmo exercicio; e por isso incursos na indignação popular e mandados afastar para longe da Capital. O Decreto Soberano de 3 de Junho, as providencias subsequentes, os debates publicos no Soberano Congresso e emfim os Jornais o provão claramente.

¡ Eu Conselheiro pèrfido d'ElRei! ¡ Eu autor das desgraças da Patria!! Não. Tais titulos não me quadrão, nem pegão apesar do sèlo da Autoridade com que são apresentados. O tempo só bastaria para destruilos, e n'outras circunstancias a ele só abandonaria minha justificação, nas presentes não. ¿ Quando a Patria se esforça para levar ao cabo sua Regeneração tão gloriosamente começada, aqueles de seus filhos que podem ajudala, se não com talentos, ao menos com muito boa vontade, ficarão de braços cruzados, tranquilos espectadores dos trabalhos e fadigas dos outros? Não. Entremos pois na materia.

Para que eu pudesse aconselhar a S. Magestade e ter influencia nas deliberaçõis Ministeriais era preciso que tivesse acesso á Sua Real Pessoa e fosse ouvido nas mesmas deliberaçõis. Ora, é publico e notorio que tendo residido a Còrte no Rio de Janeiro perto de 14 anos, eu só n'ela eisisti vinte e tantos meses; que n'este curto espaço nunca ElRei me fez a honra de dar-me uma Audiencia particular e menos ainda de dar-me entrada no interior do Paço, que não conheço. Nos ultimos dias antes da minha retirada d'aquela Capital, que foi em 15 d'Abril passado, falei trez ou quatro vezes ao mesmo Augusto Senhor para convencèlo a dar-me licença de vir a este Reino, que a quasi todos denegava, e falar-lhe da recompensa do meu serviço de Cayena tão solenemente prometida.

Ofereço para testimunhas do que afirmo a Côrte toda que ali residiu e a quem tais privanças não escapão ; ofereço toda a gente honrada d'aquela Capital , e os mesmos Ministros de Estado que então erão. Que digão eles se alguma vez forão cruzados em seus despaxos com ElRei por conselhos meus , e se alguma vez que me ouvírão em alguns negocios particulares , não foi sempre de ordem por eles mesmos comunicada em Avisos , como praticavão com outros Conselheiros.

É de notoriedade publica que não só nunca tive acesso á Real Pessoa , mas nem mesmo o Paço frequentava como fazia a gente principal , que duas e mais vezes na semana beijavão a mão a ElRei nas Audiencias que dava todas as noites , xegando a passarem-se dois e trez meses que eu ali não compareci já por molestias já por ocupaçõis dos 3 Tribunaes para quem trabalhava , do que fui por alguns censurado , por outros advertido. Ofereço as mesmas testimunhas.

É tãobem de notoriedade publica que xeguei ao Rio de Janeiro em principios de 1819 e que logo tive uma grande molestia de perto de 4 meses , causada pelos incomodos da longa e penosa viajem de Cayena e do Pará , na qual estive 24 horas sem esperanças de vida sobre os baixos do Amazonas , e porfim naufraguei e arribei a Surinam onde estive 73 dias. É de notoriedade publica que no ano seguinte de 1820 fiz uma viajem ás Minas Gerais minha Patria que deixára havia 35 anos , na qual gastei perto de 5 meses. D'esta sorte não tive de residencia no Rio de Janeiro desde minha xegada de Cayena até a Regeneração mais do que 9 até 10 meses ; tempo naverdade muito curto para n'ele poder fazer com meus conselhos a desgraça de Portugal se ela não estivesse já consumada.

Emfim , sendo a pratica sabida dos valídos dos Reis o alcançarem para si e seus parentes muitas e grandes mercès , e que

grande argumento não tenho eu para provar que não era um valído d'ElRei, pois não tenho de sua Real Liberalidade nem mercès, nem pensõis, nem oficios, nem um só real? Isto sabe-o todo mundo, e bem assim que pedindo eu a S. Magestade um oficio na Alfandega do Recife a titulo de recompensa do serviço de Cayena, foi servido dalo a outro.

Fui Desembargador do Paço por promoção, porque tendo ido para Cayena em Agravista da Suplicação (que não pedi) no fim de dez anos não se me podia negar sem injustiça a entrada n'um Conselho. Tenho uma Comenda na Ordem de Christo da lotação de 20 mil reis, que me foi mandada á Cayena, no 2.º ano de minha administração, em testimunho do praser que teve ElRei vendo meus primeiros trabalhos n'aquella Conquista, e não na qualidade de Desembargador do Paço como tem os mais. ¿Onde está pois essa qualidade de Conselheiro, e perfido, que me atribuem os noveleiros do Rio de Janeiro?

Se eles dicessem que eu gosava da estima publica de S. Magestade, dizião verdade, porque d'essa gosei eu desde meus primeiros Lugares, mas devida unicamente ao meu trabalho e serviço pessoal, não a proteçõis que sempre despresei, como quem aspirava a brilhar com luz propria, não refletida. Nada devo senão á Divina Providencia que me colocou em circunstancias de poder mostrar capacidade não comum, como terião mostrado outros muitos se tivessem tido igual ventura.

Cresceu a estima d'ElRei vendo o modo com que organisei na Guyana Francesa uma Administração completa em todos os seus ramos de Justiça, Policia e Fazenda, preparando os Planos organicos e dando regimento ás diferentes repartiçõis, e como diriji esta mesma Administração oito anos com plena satisfação sua e de seus Ministros, e geral contentamento dos habitantes d'aquela Conquista que inda hoje xorão por um governo tão paternal:

Como submeti, contentei e conservei em tranquilidade uma Guarnição de 1300 homens, que por duas vezes se sublevára contra seus Superiores, xegando a ponto de irem ás mãos os dois Partidos dentro mesmo da Vila com artilharia e arma branca, ficando alguns mortos e feridos:

Como sustentei a Dignidade Real quando insultada pelo Oficial de Marinha o Conde Darod alí mandado pelo Duque de Luxembourg, e não desagravada pelo nosso Governador Militar que á isso não pude mover, reduzi a silencio aquele atrevido e furioso Militar, e o fiz punir em França pela representação que diriji ao nosso Plenipotenciario em París:

Como tirei o partido possivel d'aquella Conquista quando previ que poderia vir a ser restituida aos Francezes, fazendo transplantar para o Brasil o que havia n'ela de generos preciosos tanto indigenas como estrangeiros, e fundando, como fundei, por minha só diligencia, trez Jardins de especiarías, um no Pará, outro em Paranambuco e outro no Rio de Janeiro, que florescem, onde entre outras coisas temos o girofle e a muscada, e emfim vulgarisando a cana d'assucar de Cayena, que é tão superior á creoula do Brasil que tem feito triplicar os rendimentos dos Engenhos.

Sobretudo eisultou S. Magestade de praser quando viu o modo com que me conduzi na infeliz entrega daquela Conquista ao Governador Francez, o Conde Carrá Saint-Cyr, e na negociação que com ele fiz em virtude das Notas trocadas entre o nosso Plenipotenciario e o Duque de Richelieu, n'aqual nada escapou que tocasse a Dignidade e interesses de Sua Real Coroa e a honra do Nome Portuguez.

Assim, esse pouco que tenho não o devo nem a lisonjas nem á *servilidade*, de que sou incapaz; tem-me custado trabalhos, riscos de vida, sacrificio de minha saude e suores de sangue. A estima com que S. Magestade me honra é uma divida; os elogios

e honrarias que publicamente me fazia erão aquele genero de recompensa com que os Reis sabem afagar e contentar os bons servidores, que d'ela são ambiciosos.

¿Mas que grande diferença vai entre estima e privança? Para que pois as confundem os noveleiros? ¿Para que com tão manifesta falsidade me inculcão um dos Conselheiros d'ElRei, e com o horrivel contrapèso de perfidia? ¿E supondo mesmo que eu tinha dado alguns conselhos a ElRei, ¿como provão eles que o fizera com animo deliberado de tiranisar a Patria? ¿Não salta pois aos olhos que sou vil e grosseiramente caluniado?

Se com ElRei não tive privança, não a tive tãobem com os dois Ministros de Estado que então erão. Ambos me honravão e distinguião com publicos elogios, mas tive um particular cuidado, por carater e por sistema, em d'eles me afastar, desorte que nos vinte e tantos meses que residi no Rio de Janeiro não visitei mais d'uma duzia de vezes a cadaum d'eles. ¿E onde estão os factos que próvem o contrario? Ninguem os apresentará.

Mostrada a falsidade e temeridade com que fui delatado como um dos Conselheiros perfidos d'ElRei, mostrarei agora que não acompanhei Sua Real Pessoa, nem vim a este Reino com tenção de n'ele residir.

Temendo o teatro do Rio de Janeiro, onde elementos heterogeneos de interesses cruzados e opiniõis disparatadas anunciavão a desordem que aconteceu, e onde a inveja e ambição tinhão já intentado perder-me, fiz força com S. Magestade para conceder-me licença de vir a este Reino, com firme resolução de não voltar ao Brasil senão quando o Plano Constitucional ali fosse estabelecido, contando de fazer tãobem uso das Caldas da Rainha de que preciso ha 4 anos. Foi S. Magestade sensivel ás minhas suplicas, e conce-

deu-me licença por um ano, como é notorio, e podem atestar os Ministros que ahi estão, por quem ela se eispediu.

Parti pois em 15 d'Abril, onze dias antes de S. Magestade, que, segundo se dizia publicamente, devia tocar na Bahia e em Paranambuco, e emfim desempoeirar-se no Fayal para fazer sua entrada em Lisboa. Por este cálculo é manifesto que eu devia xegar a este Reino um bom mes primeiro: e é de notar que devendo ter a consciencia dos crimes que me imputão, assim mesmo vinha submeter-me muito franca e seguramente ao castigo que eles merecião. Devo agradecer aos meus caluniadores o conceito que fizerão do meu valor.

Parti no navio Dinamarquez *Matilde* em companhia do Marquez de Grimaldi, Ministro de Sardenha, que teve a bondade de ceder-me o comodo destinado ao Ministro Dinamarquez, que tomou o partido de só sair depois d'ElRei. Com 27 dias de penosa viajem, quasi reduzidos á carne salgada pela mortalidade da criação, com aguada podre que nenhum filtro de carvão era capaz de depurar, e sobretudo com o leme partido, arribou o Capitão a Paranambuco, que felismente podiamos tomar. Não foi pois minha entrada n'aquele porto voluntaria, como sei que pretendeu inculcar uma récova de malvados e de baixa relé, que tem perturbado aquela bela e pacifica Provincia.

Como o navio tinha de se concertar e pelo eisame que se lhe fez se axou pouco seguro, lá o deixei, e aproveitei-me do primeiro que saiu, que foi o *Alexandre* d'aquella Praça, no qual entrei em Lisboa. Contando de voltar para o Brasil, ali deixei minha mulher e filhos e casa, os quais, depois da ultima desordem do Rio de Janeiro, devião retirar-se para Paranambuco e ahi esperar por mim: novo argumento da sinceridade dos motivos que me determinárão a deixar aquele paiz.

¿Como dizem pois os noveleiros do Rio de Janeiro que eu acompanhava a Sua Magestade para vir continuar a dar-lhe meus perfidos conselhos? ¿E que prova mais cabal para desmentir tais embustes do que nomear-me o mesmo Augustissimo Senhor Ministro Plenipotenciario para a Còrte de Roma poucos dias depois da minha partida para este Reino? ¿E se eu fòra esse Conselheiro privado, afastar-me-hia S. Magestade de sua companhia na epoca mais importante e delicada do seu Reinado? ¡Infames caluniadores! Gente perversa! ElRei conheceu bem a fundo o meu carater pacifico e a minha repugnancia pelo teatro do Rio de Janeiro, e intendeu que me fazia graça em retirar-me d'ele, vendo-o perturbado e ensanguentado antes de sua partida. Eu lhe beijo por esta lembrança Sua Mão Real e Bemfeitora.

Portuguezes, eu sou vitima bem reconhecida da grande e universal reputação de que gosava entre meus Compatriotas, da grande popularidade que tinha no Rio de Janeiro, e emfim do conceito que merecia a S. Magestade; o tempo o irá mostrando cadavez mais claramente.

Aqui se oferece naturalmente uma objeção: Que se isto assim é tão claro, como acabo de eispor, d'onde nascerião esses rumores da minha impopularidade como inimigo da Patria e da nova ordem de coisas, e porisso temivel contra ela? Eu satisfaço pronta e cabalmente ao Leitor: Nascèrão da catastrofe tramada no Rio de Janeiro contra mim, contra o Desembargador do Paço Luiz José de Carvalho e contra o Almirante Rodrigo Pinto Guedes, como pessoas ali respeitadas e capazes de figurar em quaisquer acontecimentos politicos, em que nos quizessemos ingerir. E passou da maneira seguinte.

Levou-se á presença d'ElRei que os trez eramos infalivelmente assassinados pelo Povo como inimigos da Constituição, porque

pretendiamos fundar uma Democracia sobre o sangue de S. Magestade e de Sua Augustissima Familia, e portanto era urgentissimo pôr-nos em segurança e afastar-nos sem perda de tempo do Rio de Janeiro. Malvados! infames! Assim pretendião desembaraçar-se dos que lhes faziamos sombra no teatro de suas ambiciosas pretensões!!! Como intendêrão que no dia seguinte sairiamos pela barra fóra, tiverão a ousadia de afirmar que Tropas de Minas Gerais por mim convocadas estavão já nas vizinhanças da Capital. Isto é nem mais nem menos o que sabe e diz todo o Povo dela.

¡Seria naverdade coisa para ver como a astuciosa Calunia com gestos animados, o susto e a indignação pintados no perfido semblante, arrotando zelos e fidelidade, eisagerava perante ElRei a atrocidade e ingratidão dos Conspiradores, o perigo iminentissimo da Real Familia, e a anarquia da Capital ensanguentada, ao mesmo passo que palpitava de interna alegria o infame coração ao ver a impressão que fazião tais discursos, e com o anticipado sabor de futuras elevações e grandezas, cimentadas sobre a ruina dos trez emulos perigosos!! Mas não: não o permitiu assim a Divina Providencia que proteje a inocencia, graças infinitas lhe sejão dadas. Em 48 horas estava conhecida a infamia e o ridiculo de tal denuncia; o Povo murmurava altamente de tal violencia, e pouco depois fomos restituidos a nossas Familias e aos nossos Empregos com eispressões de muita honra e graça em o Decreto que se publicou na gazeta d'aquela Capital.

O Publico indigitou os autores de tão atroz calunia e os motivos dela; eu guardarei silencio porque respeito a reputação dos outros homens, principalmente não interessando isso nada á minha justificação. É porem sabido (e ha disso prova autentica) que a denuncia subiu á Real Presença por meio da Policia novamente organisada depois que se jurou n'aquela Capital a Constituição; e como nem se nomeárão nem se punirão os autores

d'ela, como era de justiça e clamava o Povo, tem a mesma Policia uma gloria indisputavel pelo zèlo que mostrou em negocio tão façanhoso.

Ora, espalhada entre o Povo a novidade da nossa prisão e a causa d'ela, o facto da prisão, que se via, dava veracidade á causa á que ela se atribuia. A multidão que nem quer nem póde perscrutar ás causas dos sucessos politicos, que de ordinario lhe são ocultas, contentou-se com o que se dizia, e assim o transmitiu ás mais Provincias do Brasil e para este Reino.

Tanto é isto assim que no Rio de Janeiro mesmo houve tal que afiançou ter visto já a vanguarda do eisercito que vinha de Minas, e houve sobre isso apostas publicas. Em Paranambuco, quando ahi arribei, fui prevenido pelas Autoridades que essa populaça, de que já falei, murmurava que não tendo eu podido obter uma Republica no Rio de Janeiro, vinha tentala n'aquela Provincia. ¡Pobre gente! Na Capital d'este Reino, onde nunca apareceu meu nome senão com elogios em alguns Periodicos, sei que muita gente supõe ainda que naverdade estive em risco de ser assassinado no Rio de Janeiro por impopular. Não, Portuguezes; descançai sobre este ponto: a minha reputação n'aquela Cidade não tem manxa, e a gente honrada d'ela dará testimunho á probidade e sizudeza com que ali me conduzi, como Magistrado, e como Cidadão. Ora eisaqui d'onde nascèrão esses empestados rumores que pegárão sem nenhuma causa da minha parte, e muito provavelmente espalhados pelos meus invejosos inimigos, a quem convinha arrancar-me a estima de S. Magestade e depopularisar-me com a Nação, inculcando-me um dos autores de suas calamidades.

¿Mas para que, amados Concidadãos, buscar a outra parte as causas da desgraça da Patria, quando elas nascèrão da ordem invariavel das coisas humanas? ¿Para que atribuilas eisclusiva-

mente a isto ou áquilo, quando elas são ligadas aos sucessos politicos por onde passárão e passarão sempre os Imperios da terra? Demonstrar isto é um genero de defesa em meu favor, e peço-vos licença para duas penadas.

¿E por onde eisordiarei eu melhor do que pela patriotica e sincera eisclamação d'um dos Membros do mesmo Soberano Congresso? — Ha cento e vinte annos, dice ele, que Portugal não é Patria para seus filhos — ¿E que outra coisa quer isto dizer senão que desde a usurpação dos Filipes nunca Portugal levantou mais cabeça? E comefeito ninguem o póde duvidar.

Sabemos pela historia que o esplendor da Monarquia, cujos guerreiros, com a generosidade do Leão, buscavão mais a gloria que o proveito das Conquistas, já estacionario no Reinado do Senhor D. João III, principiou a empalescer, e foi escurecendo, até sofrer um eclipse total nos fins dos 60 anos do nosso cativeiro á Hespanha. Os esforços do curto Reinado do Senhor D. João IV. não podião reparar males que só em longos anos se podião curar. No tempestuoso do Senhor D. Afonso VI. os males crescèrão e se complicárão. No pacifico do Sr. D. Pedro II, no pacifico e fastuoso do Senhor D. João V. o Corpo Social apresentava sintomas falazes de vigor e saude, mas realmente estava gangrenado e procimo á dissolução quando subiu ao trono o Senhor D. José I. de imortal e saudosa Memoria.

Sabe todo mundo os esforços sobrehumanos que fez aquele Grande Monarca ajudado do Ilustre Pombal para levantar a Nação do abismo em que se axava. Mas que é o Reinado feliz e alumiado d'um Principe na serie eterna dos seculos? Um ponto no espaço, a luz brilhante mas efémera d'um meteóro. Seguiu-se o Reinado da Augustissima Rainha a Senhora D. Maria I. que Deos tem em gloria, de cujas eminentes virtudes podião tirar-se preciosas vantajens em beneficio da Monarquia, mas que não foi senão um

plano concertado de contraposição a tudo quanto se tinha feito e projetado de grande na vida de seu Augusto Pai. ¡Triste genero de vingança contra o seu habil e imortal Ministro!

Assim, levou o grande Rei comsigo para a poeira da sepultura os elementos de felicidade com que principiára a levantar a Monarquia, e de tudo quanto fez de grande o seu habil Ministro nada sobreviveu ás ruinas senão o sistema do Poder absoluto, e o Despotismo Ministerial habilmente por ele consolidado; que em suas mãos limpas produzírão grandes coisas, nas de seus Sucessores tem sido um verdadeiro flagelo para a Nação. Naverdade Ministros despaxando em segredo com um Rei, e cadaum por sua vez e sem responsabilidade, era uma monstruosidade em Politica. Assim acabou com Frederico II. a prosperidade da Monarquia Prussiana, que dependia de sua direção pessoal: assim acabaria a da Russia com Pedro o Grande se não tivesse por Sucessora Catarina II, e esta o Grande Alexandre, pela morte rapida de Paulo I.

Tomou emfim as redeas do Governo S. Magestade o Senhor D. João VI. que Deos nos conserve por dilatados anos. Começa aqui uma nova éra nos fastos humanos. O mundo politico sofreu um diluvio universal, se me posso eisplicar assim: falo da revolução Franceza e de suas consequencias. Novo genero de males, novas calamidades pesárão sobre Portugal assim como sobre as mais Naçõis. Nenhum Genio, nenhuma politica foi capaz de pòr barreiras á torrente devastadora que por tantos anos assolou a Europa.

¿Que era pois este Reino quando em 1801 entrárão os Hespanhois como de passeio até Portalegre e xegarião até á Capital se os não atalhassemos com o tremendo Tratado de Badajoz, no qual só ganhárão Napoleão, seu irmão Luciano e o nosso Negociador? ¿Que era Portugal quando esgotados todos os recursos de Diplomacia foi ElRei obrigado a salvar-se com toda sua Augustissima Familia no seio do Atlantico para ir assentar sua Còrte no Rio de

Janeiro? ¿Qual era nosso Eisercito, qual nosso Erario, qual nosso credito, qual nossa industria, qual nosso comercio, qual emfim nossa consideração politica na sociedade Europeia? Vós o sabeis, amados Compatriotas.

Ocupado o Reino pelas Tropas do novo Atila em trez longas e horriveis invasõis até que emfim o *Anjo da Vitoria* foi levado com a espada sobre os rins ás fronteiras de Hespanha, ¿que devia restar em Portugal, ou em outro paiz vinte vezes mais poderoso, senão cinzas e cadaveres? ¿Como axastes vós as vossas casas, vossas familias, vossas lavoiras, vossa industria, vosso comercio? Ah! e concorrèrão para tais calamidades os conselhos dados a ElRei no Rio de Janeiro? ¿E que influencia podião ter esses mesmos conselhos nas desgraças d'este Reino em todo o longo tempo que esteve ocupado pelo inimigo? Sua defesa era o primeiro cuidado, e ninguem negará a S. Magestade uma solicitude paternal, e uma cooperação tão eficaz quanto permitião suas circunstancias, para salvar a Patria e coadjuvar seus filhos.

¿Nos poucos anos que decorrèrão desde a eispulsão total do inimigo e o regresso da paz até que ElRei deixou o Brasil, seria porventura possivel levantar Portugal do abismo em que se axava? O maior obstaculo que se oferecia era a direção do comercio d'aquele paiz em direitura para os portos das Naçõis Aliadas e amigas, cujo resultado era engrossar o Brasil e emagrescer Portugal: medida politica quando S. Magestade a tomou, mas atualmente ruinosa, para a qual não concorrèrão decerto os conselheiros do Rio de Janeiro, e que é uma das causas imediatas e mais eficazes da penuria e miseria em que está o Reino. Eu o julgo hoje em circunstancias incomparavelmente superiores ás de então, muito principalmente porque tem á testa dos negocios publicos a Flor da Nação em patriotismo e letras, e todavia intendo que a restituição das anteriores ventajens comerciais de Portugal

em suas relaçõis com o Brasil, apesar da boa vontade e boa disposição dos habitantes d'este, será obra digna d'um novo Hercules em Politica.

Não faço elogios á administração e trabalhos dos Ministros do Rio de Janeiro, conheço o que lá houve, assim como por cá, de bom e mau; sustento porem que a situação da Monarquia demandava Genios raros, que não tinhamos, e um concurso de *circunstancias favoraveis* que só por um acaso teve o Ilustre Pombal, e que decerto não eisistião na composição do Ministerio do Brasil. Sustento tãobem que, se apesar do que tenho dito sobre as causas das desgraças d'este Reino, parece justo atribuilas aos Ministros e Conselheiros do Rio de Janeiro eisclusivamente, então é tãobem de rigorosa justiça que evoquemos os Manes de quantos Ministros alí servírão e de quantos Conselheiros alí aconselhárão para lhes pedirmos contas, afim de que o odioso das calamidades publicas não carregue eisclusivamente sobre os que fexárão a porta; os quaes, se não axárão a desgraça já consumada, axárão decerto o Corpo Social procimo á dissolução e á morte. E que parte posso eu ter em tais calamidades, eu que nunca fui ouvido em deliberaçõis nenhumas, nem tive para dar esses conselhos, que tão injustamente me atribuem, senão nove até dez meses de residencia no Rio de Janeiro, como já dice?

Remato observando que em tal estado de coisas nenhum paliativo tinha já lugar: uma fusão total nas molas essenciais do Mecanismo Social era o unico remedio. Os homens instruidos o conhecião e desejavão, mas a quasi impossibilidade de sair com a emprèsa, que só não conhecem ignorantes e vertiginosos, paralisava os espiritos. Quiz Deus que essa gloria fosse reservada aos autores da nossa Regeneração, graças lhe sejão dadas porque os animou e os salvou do temeroso Volcão que podia abrasalos e devoralos, e com eles a Monarquia inteira.

¿ E porque, amados Concidadãos, não buscaremos nós mais alto as causas das desgraças da nossa Patria? Um povo sinceramente religioso ha-de em suas préssas e calamidades publicas levantar olhos da vil poeira da terra para os Astros brilhantes que nos alumião. ¿ Deus que manifestamente criou o homem para a sociedade, deixará de conduzir com sua Mão omnipotente a sorte dos Imperios da terra? ¿ Se pois vistes manifestamente punidos Reis e Povos, Pontifices e Fieis em todas as Naçõis do mundo civilisado; se vistes a Europa inteira cuberta de cinzas e lagrimas, ¿ tinha Portugal algum privilegio para ser poupado? ¡ Muitas graças sejão dadas ao mesmo Senhor por nos haver conservado nossa eisistencia politica tão gravemente ameaçada!

Aqui devia acabar esta apologia, porque tenho destruido o titulo de conselheiro d'ElRei e autor das desgraças da Patria, que me dá o Decreto de 3 de Junho ja citado. Porem os meus amigos me avisão que correm alguns rumores ofensivos da minha honra, a que devo responder do modo possivel. ¡ Triste e ardua tarefa é naverdade responder a rumores populares! Cadaum diz livremente o que bem lhe parece, e ninguem eisije provas d'isso; o miseravel que se defende ha-de por força axar provas evidentes, pela maior parte impossiveis, para se justificar, sob pena de ser julgado Reu. Mas emfim as circunstancias são graves, e por consequencia indispensavel romper o silencio, que em outro genero de coisas seria a melhor reposta a ladradores que se divertem á custa da honra de seus Concidadãos.

Dizem 1.° que procurei eiscitar os Brasileiros a separarem-se de Portugal, e para isso compuz um folheto em Lingua Franceza que foi impresso na Tipografia Regia do Rio de Janeiro, e ali espalhado. ¡ Um papel incendiario e tendente a dilacerar a Monarquia, impresso por ordem Regia na Real Tipografia! É proposição que incomóda um pouco a quem a ouve.

Eisaqui francamente o que se dizia n'aquella Capital sobre este papel miseravel. Era o problema dominante qual dos dois, se ElRei, se o Principe Real, devia vir a este Reino, e que o autor do folheto fez obra de encomenda, como qualquer oficial mecanico, para provar que ElRei não devia em nenhum caso deixar o Brasil. Ora, o pobre homem na aridez de seus principios politicos não axou outros fundamentos para provar sua tése senão o termo comparativo da superioridade do Brasil em eistensão e fertilidade e o prospeto d'uma futura grandeza colossal. Eu li o folheto n'um quarto d'hora, emprestado por um dos meus vizinhos, com a inatenção e desprèso que me merecèrão sempre composiçõis efémeras e de circunstancias, e não conservo d'ele outra ideia senão do ridiculo que me inspirou. Creio mesmo que não se lhe póde dar esse carater de incendiario para eiscitar os Brasileiros a separarem-se de Portugal, salvo pelo argumento que se poderia tirar da eisagerada e enfatica superioridade dada ao Brasil sobre Portugal, e de se afirmar talvez que ele tem em si tudo quanto lhe é necessario para a independencia; proposição que só poderia parecer perigosa no tempo em que fosse proferida, porque ha infinitos anos que ela é proclamada na Europa e entre nós mesmos, e modernamente nas obras de Mr. de Pradt que andão nas mãos do vulgo, e até pelas tavernas do Rio de Janeiro.

Não vejo tãobem que motivo teria esse pobre autor para pretender a separação do Brasil no momento mesmo em que ele devia receber uma Constituição livre, e que necessariamente ha-de ser tão livre em Portugal, como no Brasil, na Africa e na Asia, onde temos possessõis. Emfim não insisto mais n'este ponto, porque não tenho lembrança eisata d'esse infeliz papel, e se aventurei éstas mesmas observaçõis, é porque, na dificuldade de provar que não sou seu autor, era isto um genero de defesa em meu favor.

¿Mas por que rasão tendo-se dado a esse folhetó no Rio de Janeiro sete autores, só eu apareço apontado n'este Reino? Eisaqui o que me parece: a rasão é 1.° porque assim como a gente honrada d'aquela Capital me supunha o *homem habil por eiscelencia*, sonhando todos os dias com os grandes empregos a que eu devia ser elevado, assim a populaça me supunha o valentão para coisas estrondosas tanto boas como más. Apareceu o folheto que fez bulha = *quem o faria? aqui só João Severiano era capaz d'isso: logo foi ele que o fez.* Esta é a linguagem ordinaria e vulgar da populaça: 2.° porque intendeu-se que o papel tinha por objeto a separação do Brasil, e eu sou Brasileiro, e por um prejuizo ineisplicavel intende muita gente, mesmo da que lè livros, que os Brasileiros tem no sangue elementos de odio a Portugal e de desejos de se separarem d'ele, não sendo bastante para destruir tão odiosa prevenção o ver-se que a grande maioridade dos filhos do Brasil, vindo buscar instrução a este Reino, n'ele se fixavão e estabelecião.

Mas o caso é que no Rio de Janeiro se indigitou por fim o verdadeiro autor d'esse folheto, que não merece a bulha que tem feito. Eu o conheço perfeitamente, mas que monta isso? Fico-me unicamente em declarar que é um Estrangeiro. D'isto axarão claros vestigios os que lerem o folheto com atenção. (1) Emfim, Portuguezes, que provas ou ao menos conjeturas se produzem contra mim? Não as vejo. ¿E se elas não aparecem, não valerá nada para desvanecer meras suspeitas o teòr constante da minha vida honrada, o carater de sizudeza que ostentei em vinte e tantos meses que vivi n'aquela Capital, ocupado unicamente dos

(1) A Lingua Franceza não tem como a nossa — *do* — *da* —: quando os Francezes ouvem pronunciar — *do Porto* — intendem ser — *de* — com apostrofe, e que o — *O* — é letra inicial do nome da Cidade, e porisso escrevem — *d'Oporto* — assim fez o nosso autor. É uma das provas de que me lembro.

meus Tribunais e concentrado no seio de minha familia? Finalmente ElRei deve saber quem é o autor do folheto, e não podendo eu invocar tão alto testemunho em favor da minha inocencia, ouso declarar altamente perante S. Magestade mesmo que eu não sou o autor de tal papel. Não posso mais.

Dizem 2.° que fiz partido com os Excellentissimos Ministros de Estado que ali erão, o Conde de Palmela e Tomaz Antonio de Vilanova Portugal contra a Constituição d'este Reino.

Dou a cabeça se se provar que eu tive relaçõis particulares com o primeiro. Visitei-o de cumprimento á sua xegada no Rio de Janeiro, e vi-o segunda vez no Conselho que se fez antes de jurada a Constituição. Eisaqui toda a nossa comunicação.

De partidista do segundo sei eu que era acusado, mas por quem? pelos que formárão contra ele um partido tremendo com o fim bem declarado de o perderem, para o que não se poupárão *meios nenhuns*. ¿E quem dirá que as desordens do Rio de Janeiro vem principalmente d'esse maldito plano? Pois é verdade, e o tempo o irá mostrando.

¿Mas que factos se produzem para provar essa minha adherencia ao partido d'este Ministro no Rio de Janeiro? Não os vejo, e apósto que ninguem os produzirá. A certa personagem, e meu amigo, que duas vezes me tocou nisso, buscando separar-me do dito Ministro, fiz ver claramente que eu não era homem de partidos, e que por mercè de Deus tinha opiniõis minhas e uma Logica propria, e uma consciencia.

Os caluniadores confundirão provavelmente ideias, como costumão; tomárão, por sintomas de partido, actos de publica veneração que eu tinha áquele Ministro por um nobre sentimento de gratidão, pois devo-lhe o ter-me proposto para Desembargador do Paço, axando-me ainda no Pará de volta de Cayena; veneraçáó,

que lhe devem presentes e vindoiros pela sua rara probidade, rarissima modestia e um desinteresse quasi sem eisemplo nos que sobem a tal Emprègo. Ja dice em outro lugar até onde xegárão minhas relaçõis com ele, não o repetirei aqui.

¿Mas quais erão as opiniõis dos dois Ministros? Não sei acto nenhum por onde o notificassem ao Publico. O que eles dicerão nos seus debates e conferencias com ElRei, ninguem o sabe verdadeiramente, nem se presume saber. O que não sofre duvida alguma é que no Conselho a que assistírão, sêm nenhuma hesitação votárão que désse ElRei ao seu Povo uma Constituição representativa tal qual se fizesse em Portugal, logo que constou que o mesmo Povo isso desejava no Rio de Janeiro; decisão esta que tornava inuteis todos os meios violentos que depois se praticárão.

¿E como sabem os noveleiros que as minhas opiniõis coincindião com as dos dois Ministros? ¿Fiz porventura alguma profissão publica d'elas? ¿Préguei porventura em alguns Conventiculos ou em praça publica? Não certamente. O que intendia e sabia, depositei-o no seio d'ElRei, como os mais Conselheiros: não teria vergonha que o vissem naturais e estrangeiros; e fossem quais fossem essas opiniõis, depositadas em cofre tão sagrado, nunca se me poderião imputar como crimininosas. ¿E finalmente como se me imputa o ter sido contra a Constituição de Portugal quando não se sabia, nem podia saber ainda no Rio de Janeiro, qual ela seria definitivamente? ¿Não correu mesmo ali que iamos ter a Constituição Hespanhola? ¿E que jurou S. Magestade e com ele todo Povo? A Constituição que se fizesse em Portugal: Logo não se sabia o que ela sería.

Dizem 3.° que amigo e fautor do Despotismo aconselhei, não sei em que escritos ou cartas, que retrogradassem com a causa da

Regeneração, porque eu prometia aos que isso fizessem, pagar-lhes bem o feitio com grandes recompensas de empregos e fortunas. ¡Que atrocidade! ¡Que aleivosia! ¡Que imbecilidade mesmo!

¡Amigo e fautor do Despotismo um homem de letras! Não póde ser. ¡Um homem altivo de condição e conhecido geralmente por esse; criado e familiarisado, desde as Aulas da Universidade, com as doutrinas de quantos Autores produziu o Seculo passado e presente em filosofia e politica! ¡Um homem que, eisceto o Rei, não curvou nunca joelho a ninguem! ¡Que nomeado para tantos empregos, nunca buscou nem Grandes, nem mesmo Ministros, e nunca eisperimentou o suplicio das ante-salas! Ah! não se me podîa fazer maior injuria!

Um amigo do Despotismo é um escravo, e um escravo não é homem, e, a Deus graças, inda não perdi esta dignidade nem a perderei senão com o ultimo suspiro da vida. Apelo para os homens do meu tempo de estudos, para os da minha conversação e para os que entrárão comigo na Magistratura.

¿Por outro lado, em que cabeças poderá entrar que um simples particular, sem qualidade nenhuma nem influencia Ministerial e pòsto a duas mil leguas de distancia d'este Reino, fizesse seriamente promessas de grandezas politicas, empregos e riquezas? ¿Onde estarião as hipotecas e as cauções d'essas promessas? ¿E quais serião esses inocentes a quem elas engodassem e seduzissem? ¿E segredos e negocios d'essa ordem assim se aventuravão sem mais ceremonia aos acasos d'uma longa viajem em meia folha de papel e sob o debil fèxo d'uma obrèa? ¡Como tudo se desfigura e eisagera quando falta no nosso espirito a saudavel frieza da imparcialidade!!!

Portuguezes, vós ides ouvir uma eisposição ingenua do que eu pensei e dice na situação em que estavão as coisas publicas no Rio de Janeiro, e julgareis se eu mereço que se me fação tão horriveis imputações....

Antes porem de passar avante notai os disparates e contradiçõis da Calunia: Fui delatado no Rio de Janeiro de Conspirador Democratico contra ElRei e sua Dinastia, e acusado ao mesmo passo para cá de Conselheiro intimo que ainda o acompanhava para vir continuar no mesmo eisercicio: já fautor incendiario da separação entre Portugal e o Brasil, já corruptor do Patriotismo para que a Regeneração do primeiro não fosse avante. *Quo me vertam nescio!*

Ainda que tais imputaçõis, por disparatadas e contraditorias e inverosimeis, mutuamente se destruão, confesso que me aterrão, porque parece-me descubrir através das trevas de que elas saem, um encarniçado inimigo, que, no delirio do rancor e da inveja, lança mão sem tino nem escolha de tudo quanto imagina que poderá depopularisar-me, com o fim manifesto de afastar-me do vasto e brilhante teatro que oferece nossa gloriosa Regeneração aos talentos e Patriotismo de seus filhos. E caluniadores que tomão quantas fórmas querem, e aventurão com mão oculta, e escorados na impunidade, quantos desvarios imaginão, são temiveis; quando nada, tornão suas vitimas suspeitas na opinião publica, e tem conseguido seu fim. Confio porem muito na vossa imparcialidade e criterio. Vamos adiante.

Havia muito tempo que eu supunha as coisas publicas n'este Reino em estado desesperado, e com meus amigos particulares deplorava a falta de providencias que atalhassem alguma catastrofe. Tanto assim, que despedindo-me do Ministro da Marinha, o Excelentissimo Conde dos Arcos, para Minas Gerais, minha Patria, que desejei ver depois de 35 anos de ausencia, positivamente lhe dice que temia muito ser interrompido em viajem de tanto praser por uma de duas grandes novidades: a quebra do Banco do Brasil, e uma revolução em Portugal: e até lhe lembrei que se aconselhasse a S. Magestade o mandar para aqui um dos seus Augustos Filhos para segurar as coisas. Parti, e creio que não tardou dois meses a noticia do segundo sucesso. Tendo licença de trez meses sómente,

eiscedi-a muito de proposito afim de que, á minha xegada, já S. Magestade tivesse eispedido sua reposta. Assim aconteceu.

Axei a Capital agitada e dividida em opiniõis, porque no meio das noticias contraditorias d'este Reino ninguem podia formar juizo certo da natureza e carater da revolução, nem se conhecião os verdadeiros autores d'ela para se formar conceito da sinceridade do seu patriotismo e do volume de suas luzes para tamanha emprèsa, como ainda hoje me acontece e creio que a muita gente comigo. A opinião corrente nos primeiros circulos era que tal revolução não passava d'uma simples insurreição militar, emprehendida pelos dois Xefes militares que aparecèrão á frente das Tropas, com ambição de Postos e Grandezas, decididos a senhorearem-se do Trono se a fortuna lhes surrisse. Parecia corroborar esta falsissima imputação o não serem eles (salvo seu merecimento pessoal) nem os primeiros nem os mais assinalados Generais da Nação, como tais circunstancias devião eisijir, e o serem eles mesmos logo instalados no Supremo e Soberano Governo d'ela.

Dizia-se tãobem que havia entre os supostos insurgentes um grande partido em favor da união de Portugal á Hespanha; e desgraçadamente, para corroborar esta noticia, viu-se proclamada em tumulto a Constituição d'aquella Nação. ¿E quem nos tiraria as dúvidas em tal distancia e até sem papeis publicos? Ah! em que ancias e fadigas nos não vimos os sinceros amigos da Patria! Era preciso, amados Concidadãos, estar no teatro para bem sentilo e podèlo eispressar.

¿E que seria comefeito de Portugal e principalmente do Brasil, se em vez d'uma revolução dirijida por mãos habeis e d'um movimento universal e unanime da Nação, tivessemos uma insurreição, como se dizia, parcial e conduzida pela imbecilidade ambiciosa e perfida? E é preciso não perder de vista que esta era a opinião que d'ela se tinha no Rio de Janeiro, porque é sobre esta hipotese que se funda a seguinte eisposição.

Temi pois, amados Concidadãos, que uma subversão total de muitas de nossas belas instituiçõis consagradas pela ancianidade dos séculos, de nossas opiniõis, costumes e habitos, que é o escolho ordinario de reformadores Demagogos, levasse a Monarquia ao abismo em que outras tem caido em nossos dias e a nossos olhos; mas temi com Bacon, Montesquieu; João Jacques, Burke, Montlozier, Dauray de Brie, Benjamin Constant e outros muitos, que com toda a energia da eloquencia e do sincero amor da humanidade trovejão sobre a circunspeção com que se devem emprehender as reformas politicas principalmente de povos já velhos, cujas instituiçõis estão de tal modo identificadas com o Corpo Social que constituem quasi natureza, e sobre a indispensavel necessidade de estudar previamente a opinião publica, contra a qual inovaçõis nenhumas vão avante.

Temi os horrores d'uma guerra civil, inevitavel quando não é o sincero amor da Patria, mas o interesse particular, quem emprehende e dirije as revoluçõis.

Temi que ElRei, penetrado de sua Real Dignidade, não quizesse transijir nem capitular com esses supostos insurgentes, e que fatigado d'um Setro que nunca lhe deu praseres senão só dissabores e amarguras o renunciasse, e nos vissemos em guerra civil de partidos.

Temi, e temi muito, que os nomes de liberdade e igualdade indiscretamente pronunciados entre mais de dois milhõis de escravos Africanos e creoulos do Brasil nos sepultassem n'um diluvio de sangue, como aconteceu ás Colonias Francezas no vertiginoso governo da Convenção. Ah! e que sérias e eficazes medidas se não devem tomar já para evitar para o futuro tão horrivel calamidade?

Portuguezes, e estes sustos erão indiscretos? ¿E alguem de boa fé ousará taxalos de criminosos? ¿Vós mesmos que presenciastes a impulsão Nacional para a nossa Regeneração, e n'ela tivestes parte, dizei francamente, não temestes? ¿Não se vos gelou o sangue nas

veias nos diversos transes por que passastes? Mas que digo eu? ¿Não temeis ainda hoje uma dissidencia d'opiniõis apesar de verdes já consolidada em seus pontos essenciais a nova organisação politica?

Ora, medi a desigualdade de nossa posição no Rio de Janeiro, e decidi se me era permitido duvidar e temer. Sim, amados Concidadãos, temi, e fiz mais ainda; manifestei e comuniquei sinceramente esses sustos de que a Náu do Estado comandada pela imbecilidade ambiciosa, interesseira e frenetica fosse a pique: que a arvore da nascente liberdade tocada por mãos empestadas se fanasse e perecesse: que em vez de remedio aos males que todos conheciamos e deploravamos, viessem outros maiores da guerra civil e da anarquia, piores que o Despotismo.

¿E será preciso ir buscar na encanecida historia dos seculos passados provas do quanto se devem temer revoluçõis ainda as mais bem combinadas, quanto mais as de partidos? Não temos ahi aberto o Grande Livro, o livro Mestre de paginas ensanguentadas, onde estão escritas as calamidades que tem assolado a Europa em nossos dias, e tão horriveis que farão vacilar a fé da historia entre os vindoiros?

Em tão penosa situação, desejava eu, amados Concidadãos, que os homens d'uma reputação estabelecida que se dizião xamados pelos supostos insurgentes para os aconselharem, empregassem o ascendente natural de seus talentos para determinalos (mesmo pelo engodo de grandes ventajens politicas que eles ja tinhão nas mãos e ninguem lhes poderia arrancar, senhores como estavão de toda a força Nacional) a convirem em tais Planos Organicos, que bem se ajustassem á nossa situação, e pudessem aplicar-se, sem risco d'uma subversão, assim ao piqueno territorio de Portugal e sua população homogenea, como ao vastissimo do Brasil e sua desgraçada população barbara e heterogenea: combinação esta que me parecia de não piquena dificuldade. Vós o sabeis, honrados Brasileiros, que não poucas vezes me ouvistes, em nossos gabinetes particulares, anciado

e abafado pedir ao Céo o remedio de que os homens me parecião incapazes. ¿Que direis vós quando souberdes as infames opiniõis e sentimentos que me empresta a mais cruel Calunia, e em terra onde não tive ainda um só homem, de tantos que me conhecèrão, que ousasse levantar a voz em meu favor? *¿Unde veniet auxilium mihi?*

Ainda se não sabia, nem era possivel saber-se, no Rio de Janeiro, qual seria definitivamente a Constituição que se organisaria n'este Reino, e ja eu queria que se estreitasse e cerrasse a Real Autoridade por uma barreira permanente de luz e sabedoria: Que se tirasse aos Ministros a fatal arbitrariedade, uma das causas principais das desgraças da Monarquia: Que corresse eisclusivamente por conta da Nação a educação dos Principes, de cujas virtudes e luzes depende a eisecução das mais sabias Constituiçõis: Que se erguesse do aviltamento em que tem jazido, a dignidade e influencia dos Corpos Municipais que xamamos Camaras, um dos mais belos monumentos da sabedoria e prudencia dos nossos Maiores: Que se restituisse á Nação a essencial prerogativa de não consentir tributo que não seja por ela previamente discutido e aprovado, prerogativa, que por si só val uma Constituição, e é o verdadeiro Paladio da Liberdade: Que houvesse liberdade de imprensa com os corretivos indispensaveis n'uma Sociedade bem ordenada, etc. etc. etc.

Eisaqui, amados Concidadãos, pouco mais ou menos o que eu dice que se poderia fazer, e em termos bem terminantes d'um simples conselho amigavel, no estado de ignorancia, perturbação e afliçõis em que nos axavamos, no meio dos perigos e calamidades que de muitos lados e por muitos modos nos ameaçavão. Se alguem há que possa atribuir-me com verdade outra coisa que não seja o eisposto, apareça e fale.

¿E o homem que professa e mesmo aconselha estes principios, é um amigo do Despotismo? ¿E quem no estado de duvidas e incertezas e perigos os deposita em segredo no seio da amizade, merece

o titulo de criminoso? ¿E porque lhe não daremos o de amigo zeloso pelo bem da Patria, pois que por ela se ancía e se afadiga e diz francamente suas ideias?

Portuguezes, quem conhece os direitos do Cidadão, ali resumidos n'aquelas poucas refleçõis que me ouvistes sobre o Plano Organico que esbocei, e deseja que eles não sejão despresados e calcados pela Autoridade, está ja na classe dos liberais. Constituiçõis politicas são fórmas: Constituiçõis liberais são as fórmas que assegurão solidamente o livre eisercicio dos direitos do Cidadão, e o gòso tranquilo dos comodos que os homens buscão nas Sociedades Civis: e estas fórmas varião e devem variar segundo as circunstancias peculiares de cada Nação. Assim vedes vós que vão marxando vossos Ilustres Representantes para levantarem o glorioso Monumento que vos destinão.

E se quereis ouvir-me sobre as Constituiçõis Representativas particularmente, dir-vos-hei: Que nenhum homem de letras deve ignorar que, caducando a vertiginosa teoria, de que era moderno Corifeu o Abade Mably, em favor das Democracias, teoria inaplicavel a grandes Sociedades, que fez as desgraças da França e está fazendo a da infeliz America Hespanhola, os votos de todos os Politicos se reunem em favor das Monarquias hereditarias representativas, que eles reputão mesmo o primor da Arte n'este genero, nas quais as Naçõis velão na conservação da liberdade por seus Representantes, e uma perfeita distribuição dos Poderes produz o saudavel equilibrio, do qual depende a harmonia, isto é, o vigor, a saude e a vida do Estado:

Que sendo comefeito a Monarquia o Governo mais natural do homem, porque a Sociedade Civil é um agregado de familias particulares, as quais constituem verdadeiramente uma Grande Familia de que o Rei é o primeiro Xefe; assim como os Xefes das familias particulares estão sujeitos a Leis Civis que corrijem os eiscessos ou

74-159
9 Nov 7

negligencias na direção de suas familias, assim o Rei, Xefe universal de todas elas, deve estar sujeito a Leis politicas Constitucionais que o cohibão nos eiscessos ou fraquezas da humanidade:

Que um Rei é sujeito a infermidades humanas; que uma Corporação que não é nem mòça nem velha, que não nasce nem morre, tem necessariamente mais sabedoria que o Povo, mais consistencia que um só individuo: Que esta Corporação é a Representação Nacional, a cujas mãos sómente se deve porisso mesmo confiar o Deposito dos costumes, da liberdade e das Leis. É o que vós fizestes: Deus queira abençoar a vossa obra. (1)

Eisaqui, amados Concidadãos, a eisposição ingenua que vos prometi: póde cadaum interpretar a seu sabor e a seu modo os factos produzidos, mas ninguem ousará taxalos de pouco sinceros. Eu préso acima de tudo a vossa estima: d'ela depende, não digo a fortuna de meus filhos, porque vós não reconheceis culpa original em Politica, mas semduvida o praser da minha eisistencia. Se por desgraça, que não espero, me não restituirdes a estima que solicito, depositarei prontamente em vossas mãos os pergaminhos que tenho adquirido com tanto suor e fadigas, porque eles dão titulos mas não consideração, que só de vós depende; e titulos sem consideração são corpo sem alma.

Amo a Deus: Amo a Patria: Amo o Rei: Amo a Constituição Representativa: Amo a integridade da Monarquia.

Tal é o meu simbolo de fé politico. Deus, que lè nos coraçõis, bem o sabe; e eu o provarei por factos.

---

(1) A celebre Baroneza de Staël, fogosa defensora das Constituiçõis Representativas, elogiando ao Imperador Alexandre do bem que governava seus Estados sem uma Constituição tal e só pelo seu carater pessoal, assevera que ele lhe respondera: *Quand le compliment que vous me faites aurait de la vérité, je ne serais jamais qu'un accident heureux.* Considérations sur la révolution Française. *tom.* 3. *pag.* 346. A reposta é admiravel, mas é prudente apelarmos para o tempo.

C821
C837a